

EDITORIAL

Abordagens críticas para o estudo do digital e da televisão

RuMoRes, revista científica on-line dedicada aos estudos de comunicação, linguagem e mídias, apresenta em sua vigésima edição artigos que se concentram sobre uma visada crítica principalmente em relação aos meios digitais, com o dossiê *Fronteiras críticas das mídias digitais*, e à televisão, nos artigos de temáticas livres reunidos na edição. Temos o orgulho ainda de, com a presente edição, marcarmos nove anos de produção da revista, procurando sempre retratar tendências e fomentar o debate em seu campo de atuação. Podemos dar conta, olhando desde a primeira edição, de uma variedade de objetos e possibilidades teóricas e, para além disso, seu deslocamento ao longo do tempo. Ademais, notamos grande diversidade de autores, instituições, titulações, regiões do país e perfis dos professores, pós-graduandos e pesquisadores que contribuíram com a revista ao longo desses anos. A eles, agradecemos pela confiança e, aos leitores, pelo acompanhamento de nosso trabalho.

O dossiê *Fronteiras críticas das mídias digitais*, que inaugura a edição, apresenta artigos que avaliam as atuais possibilidades desses meios tanto quanto seus efeitos polêmicos ou nocivos. Definitivamente não podemos mais dizer que estamos num primeiro momento de contato com o digital, mas em tempos de debate sobre outras tomadas de posição em relação a ele, as identidades dos sujeitos que em torno dele se mobilizam, suas possibilidades de apropriação de recursos e linguagens. Somando-se a isso, vemos crescer um profícuo debate sobre privacidade e controle de informação e, ainda, o alerta para a necessidade de um letramento para o digital, enquanto grande parte da população brasileira (segundo dados de 2016, aproximadamente metade das pessoas) ainda não

tem nem mesmo o acesso físico às redes.

O dossiê inicia-se com “Smart: uma pesquisa sobre as *internets*”, resultado da conferência de Frédéric Martel, da Universidade Zürcher Hochschule der Künste (ZHdK), Suíça, realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), evento promovido pelos grupos de pesquisa Comunicação e Criação nas Mídias, daquela instituição, e pelo MidiAto, editor desta publicação. O texto tenta romper especialmente com uma ideia de que a internet propicia uma conexão coletiva ampla e uma uniformidade, mostrando a existência de *internets* no plural e a necessidade de uma curadoria inteligente. Estamos disponibilizando trechos da conferência em vídeos, que circularão em nossas redes sociais (Facebook e YouTube)¹, agregando conteúdos para além daqueles textuais.

A pluralidade dos meios digitais está também na variedade de materiais e na especial possibilidade criativa de mixagem. A coordenadora do mencionado grupo de pesquisa da PUC-SP, Lúcia Leão, também oferece sua contribuição, com o trabalho “A arte do remix: uma anarqueologia dos processos de criação em mídias digitais”. Outra característica normalmente atribuída às conexões em rede está no ambiente de ligação entre as pessoas e nas novas possibilidades de interação com o outro. Na sequência do dossiê, temos o trabalho de Alex Primo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o provocativo título “E se Aristóteles usasse o Facebook? Uma genealogia da amizade”, analisando formas atuais desse afeto há tempos tematizado. A relação pessoa a pessoa pode favorecer a proximidade com instituições, entidades e governos em processos de modo a desafiar formas de representatividade do público. Temos, assim, o trabalho “Usos do entretenimento como estratégia de visibilidade política na página da prefeitura de Curitiba no Facebook”, uma coautoria entre Luís Mauro Sá Martino e Tayra Carolina Aleixo, da Faculdade Cásper Líbero (SP).

Da mesma forma que a internet é calcada num imaginário inclusivo,

1 Facebook: <<https://www.facebook.com/midiatousp/>>.

YouTube: <<https://www.youtube.com/channel/UCG6cxAnmWYIQozuCGCKzoBg>>.

podemos tomar como hipótese que ela é responsável por reforçar – e até mesmo criar – novas formas de desigualdades já presentes socialmente. Seguindo com o dossiê, numa preocupação com a exclusão social e/ou digital, temos o trabalho de Massimo Ragnedda e Maria Laura Ruiu, pesquisadores da Universidade de Northumbria, denominado “Exclusão digital: como é estar do lado errado da divisão digital”. Podemos pensar que estar incluído significa uma exposição para além da possibilidade narrativa de nossos próprios dados. Com a preocupação pela vigilância e compartilhamento on-line, Athina Karatzogianni, da Universidade de Leicester, e o pesquisador Martin Gak, veem a única saída pelo hackeamento cidadão em “Hackear ou ser hackeado: o quase-totalitarismo das redes de segurança globais”. E para além de dados, como pensar a possibilidade de disponibilização de conteúdos realmente relevantes e de interesse? Carolina Frazon Terra, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), desafia tal produção em “A ‘buzzfeedização’ da comunicação das organizações no ambiente digital”.

Na sequência desta edição, tratamos de uma crítica profusa das produções televisivas, ainda mais necessária e relevante hoje. O telespaço público brasileiro é analisado em termos de modernizações, mas também da manutenção de ranços ditatoriais e de desarticulação política em “Televisão brasileira e ditadura militar: tudo a ver com o que está aí até hoje”, de Eugênio Bucci. Entre as possibilidades de criação estética e um olhar para a educação e para a cidadania, vamos do remix digital ao remake em “O diálogo entre estética e ética na produção de sentidos de educação e cidadania na telenovela Meu Pedacinho de Chão”, de Cristina Munglioli em parceria com Gustavo Amaral. E seguimos somando as questões estéticas e políticas na tentativa de observar as formas de representação do popular em “Imagem e estética na construção discursiva do popular: reflexões sobre duas telenovelas de João Emanuel Carneiro”, de Rosana Mauro.

Há ainda trabalhos que se diversificam pelo feminino, pela autoria e pelo documentário voltando ao telejornalismo e aos jornalismos possíveis. Josefina

de Fatima Tranquilin-Silva trata da campanha feminista na web em "Corpos falantes e rostos (in)visíveis: corpo, sexualidade e feminismo em 'Moça, você é machista'". Márcio Andrade apresenta "De Eric para Mário – sobre autoria, autobiografia e representações do presente em um documentário de busca", analisando diferentes modos de representação de si. A presença da música em documentários de Eduardo Coutinho é trabalhada no artigo "Música, memória e história na obra de Eduardo Coutinho", de Renato Levi. Encerrando a edição, tentamos buscar aberturas existentes no jornalismo tradicional, com "Telejornalismo, narrativas e representações: um estudo sobre o aniversário da cidade de São Paulo no SPTV", de Vicente William da Silva Darde em coautoria com Fernando Albino Leme. E também vemos a necessidade de entender a prática jornalística em espaços alternativos e suas possibilidades de resistência com "Jornalimos possíveis", de Clarissa Henning.

Ao encerrarmos mais um ano, desejamos aos nossos leitores e leitoras um momento de resistência e esperança, sobretudo em tempos tão conflituosos e, por vezes, sombrios no campo da política e da vida social brasileiras. Desejamos, ainda, que voltemos renovados para dar continuidade a nossas pesquisas, aulas, projetos e parcerias, sem esquecer o espaço fundamental constituído por nossas instituições de ensino, pesquisa e extensão. Que 2017 possa trazer novos ares e abrir perspectivas nas reflexões e práticas por nós realizadas, reafirmando o imprescindível espaço crítico e analítico que dá sentido a nossa atuação. Que os artigos reunidos nesta edição de **RuMoRes** possam inspirar outras palavras e gerar tramas textuais complexas e profícuas. Boas leituras a tod@s!

Rosana de Lima Soares

dezembro de 2016